

\_entrevistas

# UM HOMEM NA CIDADE (E NA SERRA)

COM FUNÇÕES DESEMPENHADAS NA POLÍTICA, NA BANCA E IMPORTANTES CARGOS NA CULTURA, EMÍLIO RUI VILAR REGRESSOU RECENTEMENTE À ADVOCACIA. NO MÊS EM QUE SE ASSINALAM OS 20 ANOS DA CULTURGEST, INSTITUIÇÃO QUE CRIOU, O EX-PRESIDENTE DA FUNDAÇÃO GULBENKIAN DIZ O QUE ESTÁ BEM E O QUE ESTÁ MAL EM LISBOA E PARTILHA A SUA PAIXÃO POR JARDINS.

Enquanto presidente da CGD, Rui Vilar criou a Culturgest, uma das mais importantes instituições culturais da cidade, que este mês faz 20 anos.

Quando Emílio Rui Vilar assumiu a presidência da Caixa Geral de Depósitos (CGD), em 1989, estava a meio a construção da nova sede do banco, junto ao Campo Pequeno, em Lisboa. Era, na altura, o maior edifício comercial na Europa e uma das preocupações do novo presidente foi, desde logo, reduzir o impacto daquele imenso edifício na cidade.

Hoje, numa também imensa sala de reuniões da PLMJ, um dos maiores escritórios de advocacia portugueses, para onde entrou há cerca de um ano como advogado consultor, recorda que depois de conseguir reduzir 14 500 m<sup>2</sup> de construção – e criar uma rua, no topo nascente, e um jardim, do lado poente – pôs-se a pensar “como seria possível tornar aquele edifício mais amável?”. Como havia áreas no edifício que não tinham uma afetação muito clara, pensou que se poderia dar à cidade novos espaços culturais, sobretudo dirigidos a um público que não era tradicionalmente o público cliente da Caixa: os jovens e universitários. Foi assim, em conjunto com uma ação de marketing

e muitos protocolos celebrados com as instituições de ensino superior, que nasceu a Culturgest, que este mês celebra 20 anos.

A Culturgest, que Rui Vilar recorda como “uma aventura feliz”, foi uma experiência de gestão cultural inédita em Portugal, assente numa programação de vanguarda e fora dos cânones das outras instituições culturais de Lisboa. “Isso consegui realmente atrair público e hoje eu penso que há um tropismo para a Culturgest muito definido e muito característico”.

Hoje com 74 anos, Rui Vilar já teve cargos de relevo na política – Ministro dos Transportes e Comunicações do 1º Governo Constitucional, Vice-Governador do Banco de Portugal –, na banca – Banco Português do Atlântico, Banco Espírito Santo, CGD – e em institutos públicos e privados. Nesse longo e variado currículo há uma visível predominância de cargos e funções ligados à cultura. Isso mesmo foi destacado por António Costa, presidente da CML quando em junho passado lhe entregou a Medalha Municipal de Mérito Grau Ouro, pelo “contributo notável que deu à cidade”.

LISBOA NÃO É A SUA CIDADE NATAL, MAS É A CIDADE QUE ESCOLHEU PARA VIVER E PARA TRABALHAR E ONDE GOSTA DE ESTAR. QUANTO À CULTURA, SEMPRE ESTEVE PRESENTE, A COMEÇAR NA CASA FAMILIAR, NO PORTO.

Lisboa não é a sua cidade natal, mas é a cidade que escolheu para viver e para trabalhar e onde gosta de estar. Quanto à cultura, sempre esteve presente, a começar na casa familiar, no Porto. A mãe tinha o curso do Conservatório e ele, quando andava no Liceu, ia muitas vezes ouvir as audições no Conservatório de Música do Porto e assistir aos concertos da Orquestra Sinfónica do Porto.

Mais tarde, em Coimbra, onde se licenciou em Direito, foi fundador em 1958 do Círculo de Artes Plásticas, que ainda existe, e presidente do CITAC (Círculo de Iniciação Teatral da Academia de Coimbra), o grupo de teatro considerado de vanguarda, por oposição ao TEUC (Teatro dos Estudantes da Universidade de Coimbra), que fazia o teatro clássico. “No meu ano tive como encenador o Luís de Lima, um grande mimo que trabalhou com o Marcel Marceau e que deu um grande impulso de renovação ao teatro universitário naquela altura”, recorda. Fez um pequeno papel, traduziu uma peça, foi assistente da encenação e até começou por fazer uma coisa inesperada: ajudar na caracterização das personagens da peça “Dulcinea, ou a última aventura de D. Quixote”, que eram muitas.